Violências em dramaturgias feministas de autoria de mulheres

Alinne Balduino
Universidade Federal de Santa Catarina

Claudia Barbieri
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Valéria Andrade
Universidade Federal de Campina Grande

O presente dossiê tem como intuito fomentar discussões a respeito de representações de violências em peças teatrais de mulheres, especialmente no contexto das tradições lusófonas e anglófonas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define "violência" como "o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação"[1] (WHO, 2025, tradução nossa). Apesar de abrangente quanto ao escopo dos males causados pela violência, essa definição não leva em conta as vítimas, os agressores, nem a motivação para o exercício da violência.

Com isso em mente e a partir da definição da OMS, Jinee Lokaneeta, em capítulo publicado no *Oxford Handbook of Feminist Theory* (2015), defende que importa, por exemplo, compreender como esse fenômeno tão diversificado ocorre, suas origens e efeitos discursivos e materiais, e também examinar como a violência se relaciona a processos de racialização e de gênero. Lokaneeta aponta ainda três principais tipo de violência: (i) violência estrutural, como aquela que é provocada por forças políticas e econômicas; (ii) violência simbólica e estrutural, que seriam construções discursivas que desumanizam e reificam alguns seres humanos em detrimento de outros; (iii) violência epistêmica, que seriam formas de produção de conhecimento que negam ou desautorizam a agência e subjetividade de algumas populações. Nesse contexto, este Dossiê busca reúne artigos cujos objetos de estudo são o texto teatral escrito por mulheres e seus desdobramentos como traduções, interpretações, produção e recepção. Nosso enfoque está na retratação e na discussão de violências praticadas contra mulheres e crianças em textos teatrais escritos nos séculos XIX,

[1] "It is defined by the intentional use of physical force or power, threatened or actual, against oneself, another person, or against a group or community, which either results in or has a high likelihood of resulting in injury, death, psychological harm, mal-development or deprivation."

XX e XXI, no âmbito de tradições teatrais lusófonas e anglófonas, dando ênfase a produções brasileiras, portuguesas, inglesas e irlandesas. A convite, incluímos também relatos de uma produção mexicana em tradução no Brasil.

Com este Dossiê, buscamos ampliar a compreensão das relações que se dão no teatro a partir do texto, da palavra, mirando as novas escritas dramatúrgicas em sua estrutura rapsódica, compreendida conforme Jean-Pierre Sarrazac em *Léxico do drama moderno e contemporâneo* (2012). Nosso interesse esteve particularmente focado em congregar discussões sobre dramaturgas-rapsodas cujas escritas voltam-se para o ato de dialogarem com narrativas da História oficial, e o de se narrarem em sua condição de mulheres, abrindo a cena teatral para a auto-ficção dramatúrgica. Para este número, acolhemos também propostas focadas em uma perspectiva crítica de análise de processos envolvidos na escrita criativa, suas traduções e interpretações, em sentido amplo da palavra, bem como nas práticas de leitura do texto teatral. Com este Dossiê, pretendemos iniciar diálogos comparatistas de modo a propor políticas de ação por meio do teatro e do texto teatral na resistência e no combate à violência contra mulheres e crianças. Os artigos do dossiê estão dispostos em ordem cronológica. Temos também dois textos inéditos na seção "Varia", que possuem também relações temáticas com o dossiê. Abaixo, apresentamos uma breve exposição e discussão sobre cada um deles.

Dossiê

Volúpia e *Dominó Negro,* textos que compõem a obra dramatúrgica da autora brasileira Guilhermina Rocha (1879-1938), escritos, respectivamente, em 1914 e 1916, são analisados por Sofia Fransolin Pires de Almeida de uma perspectiva crítica em que a temática dos crimes passionais, tratada pela dramaturga nos dois textos, articula-se à relação entre feminicídios – como hoje nomeamos os assassinatos de mulheres por razões de gênero –, e a popularização do *fait divers* irrompida nos meios jornalísticos do Rio de Janeiro entre finais do século XIX e inícios do XX. Ao contextualizar a produção da dramaturga e sua posição biográfico-autoral no espaço histórico-social nos meios teatrais brasileiros desse período, Sofia Fransolin promove o entendimento de como essa dramaturgia busca e encontra seu lugar relativamente às demandas de modernização do drama brasileiro, tendo em conta, portanto, a perspectiva de gênero.

No artigo "Retórica das Emoções: A Patemização na Denúncia da Violência Contra a Mulher em *À Flor da Pele*", de Rita de Barros dos Santos (UFRRJ) e Geordan Neves (UFRRJ), abordam a peça teatral de Consuelo de Castro, de 1969, como um marco na dramaturgia feminina brasileira e destacam o papel de resistência que a autora desempenhou durante a ditadura militar. A análise dramática se concentra em demonstrar como a obra utiliza a retórica aristotélica, especificamente o conceito de *pathos*, na construção da denúncia da violência de gênero. O estudo propõe que a ativação de emoções no espectador, ou patemização, não apenas sensibiliza, mas também provoca reflexão crítica. O artigo explora como recursos linguísticos e simbólicos constroem o sofrimento da protagonista como uma estratégia persuasiva e política e conformam um texto teatral capaz de mobilizar afetos para combater as opressões de gênero.

Elizabeth Barranqueiros, Ingrid Rocha e Maria Fernanda Gárbero, em "A tradução como um dever de memória: *Antígona Negra* cruza o Atlântico", examinam seus próprios processos de tradução colaborativa da peça *Antígona Negra* (1979), da performer e antropóloga mexicana Gloria Godínez. A tradução da peça foi feita como parte da disciplina "Poéticas da Tradução", na Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, realizada no primeiro semestre de 2025. As autoras refletem sobre a atualidade e relevância da peça do final da década de 1970 para leitores espectadores do século XXI. A releitura da clássica *Antígona* é uma proposta decolonial da autora mexicana e propõe aqui uma visão alternativa da história de colonização das Ilhas Canárias assim como recupera a memória traumática da diáspora africana. O artigo destaca-se por apresentar tradução inédita, além das reflexões tradutórias.

Maria Eduarda da Luz e George Alexandre Ayres de Menezes Mousinho discutem a peça *By the Bog of Cats…* (1998) da dramaturga irlandesa Marina Carr. No artigo "Somethin' evil moved in on me blood…": Female violence and the Medean tale of *By the Bogs of Cats…*" ("Alguma coisa ruim se movia no meu sangue": Violência feminina e um conto de Medeia em *No Pântano dos Gatos…*), os autores examinam a personagem Esther à luz do arquétipo da mãe assassina da Medeia euripidiana. Por meio de análise do contexto socioeconômico da Irlanda dos anos 1990, o artigo se debruça sobre as limitações da mulher periférica da etnia *Traveller* no país.

No artigo “Lourdes Ramalho e *O Trovador Encantado*: mulheres e dis/u-topismos ibero-judaicos no cenário da Inquisição Portuguesa no século XVI”, Leandro Almeida e Valéria Andrade analisam os procedimentos literários adotados pela dramaturga Lourdes Ramalho à volta da formalização estética das estratégias de mulheres ibero-judaicas no enfrentamento às violências por elas sofridas na cena distópica da Inquisição Portuguesa no século XVI. São discutidas, em específico, as performances de duas figuras dramatúrgicas, Mulher Dama e Bruxa Lilia, criadas por Lourdes Ramalho como metáfora da resistência feminina às violências do regime inquisitorial no cenário ibérico quinhentista e que compõem, cada uma à sua maneira, a trama dessa fábula ramalhiana, construída centralmente a partir do intento de deslindar as raízes ancestrais ibéricas da linhagem de poetas/cantadores do Nordeste do Brasil, enfatizando-se, contudo, uma perspectiva feminista engajada em torno da imaginação utópica atinente à extinção das múltiplas violências de gênero.

O artigo “Corpo, sentido e emoção no teatro negro: Um estudo sobre narrativa e performance em ‘engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas’”, de Larissa Emanuele da Silva Rodrigues de Oliveira (UEMA) e Alexandra Araujo Monteiro (UEMA) analisa o espetáculo criado a partir do texto de Cidinha da Silva, com performance de Lucélia Sérgio, destacando a centralidade do corpo na construção de narrativas de mulheres negras. O artigo investiga como a articulação entre corpo, emoção e performance se constitui como uma potente estratégia de representação e resistência política e estética. Dialogando com obras de Merleau-Ponty e Anatol Rosenfeld, a pesquisa examina a transfiguração da atriz no palco, que materializa as experiências de dor, opressão e subjetividade das personagens. A análise da performance de Lucélia Sérgio, especialmente nas personagens "A puta", "A alcoólatra" e "A moradora de rua", revela como o teatro negro dá voz e protagonismo a corpos historicamente silenciados, transformando-os em vetores de sentido e memória coletiva.

A peça de teatro *Bodies* (2017), da dramaturga contemporânea inglesa Vivienne Franzmann, é discutida por Rafael Pereira no artigo, em inglês, “Reproductive violence and feminist dramaturgy in *Bodies* by Vivienne Franzmann” (“Violência reprodutiva e dramaturgia feminista em *Bodies* de Vivienne Franzmann”). Partindo do conceito de “violência estrutural”, conforme definido por Lokaneeta (2015), Pereira analisa o peso das diferenças de classe social no processo de gestação de substituição vivenciado pela indiana Lakshimi e pela britânica Clem, a iniciadora do processo. Por meio de leitura cerrada do texto

dramático, Pereira evidencia as camadas simbólicas e metafóricas que movem as duas mulheres, assim como a filha ainda não nascida, mas como referência central para o conflito da peça.

Varia

Franqueando a leitura para a seção Varia, o artigo "Percursos Feministas de Sarah Beirão no Brasil: a imprensa periódica para os imigrantes portugueses", de Eduardo da Cruz, toma como objeto de análise a produção da escritora, jornalista e feminista portuguesa Sarah Beirão (1880-1974), atinente à sua colaboração no meio jornalístico brasileiro, em específico em três veículos: no jornal *Pátria Portuguesa* e nas revistas *Lusitânia* e *Revista Portuguesa*, no período entre 1928 e 1937. Além da discussão resultante da análise de textos da escritora acessíveis em edições físicas e digitais nos acervos do Real Gabinete Português de Leitura e da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional visando localizar dados referentes a sua recepção, o artigo lança luzes quanto à posição feminista de Sarah Beirão relativamente à defesa do direito das mulheres à educação, ao trabalho e às decisões públicas, irradiada, em particular, nas entrelinhas dos seus conselhos, quase sempre voltados para questões amorosas, enunciados no conjunto de suas crônicas, em que se revela, igualmente, certo conservadorismo quanto a questões envolvendo raça e sexualidade.

O segundo artigo da seção Varia, de Ana Margarita Barandela Garcia (UFAL), intitulado "Violencia sobre las mujeres y sus cuerpos: *En la calle 24*, un domestic noir de Ana Masago", explora o romance policial, especifica as características do subgênero *domestic noir* e demonstra como a obra representa a violência contra as mulheres e seus corpos. O artigo argumenta que, dentro de um gênero tradicionalmente masculino, a narrativa projeta vozes femininas fortes que desafiam o poder patriarcal. Ao fazer uso do *domestic noir* como estrutura estética narrativa, a escritora subverteu a ideia do lar como um santuário, revelando-o como um espaço passível de diferentes tipos de opressão. O romance espanhol traz à tona diferentes assuntos ao longo do processo de investigação criminal, como o tráfico sexual de mulheres, a solidão, a velhice, o estupro, a eutanásia e expõe como personagens femininas, antes passivas, podem se tornar agentes de suas próprias histórias, buscando a verdade e, por vezes, a vingança. Para a autora, a obra *En la calle 24* utiliza a estrutura da

ficção criminal de forma incomum e imprevista, como um meio de denúncia social sobre as estruturas de dominação masculina e de violências de gênero.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura!

Referências

LOKANEETA, Jinee. “Violence”. In: **Oxford Handbook of Feminist Theory.** Oxford: Oxford UP, 2015, p. 1010-1030. https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199328581.013.50

SARRAZAC, Jean-Pierre. Sarrazac. *Léxico do drama moderno e contemporâneo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. “Violence”. Disponível em: https://www.emro.who.int/health-topics/violence/index.html (último acesso em 16 de setembro de 2025).